O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 14 | Nº 41 | Boa Vista | 2023

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.7927378

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

RELIGIOSIDADE, LAZER, E PERIFERIA: PRÁTICAS CULTURAIS FORMATIVAS OU RELAÇÕES DE PODER?

Walesson Gomes da Silva[1]

Walter Ernesto Ude Marques[2]

Ana Paula Ferreira Pedroso[3]

Ana Karina Ladeira Gomes[4]

Resumo

O presente texto propõe apresentar os resultados parciais da pesquisa intitulada "Religiosidade, lazer e periferia: um estudo sobre sentido, significado e entrelaçamento de práticas culturais juvenis" O objetivo principal foi analisar como ocorre o processo de articulação entre lazer e religião na comunidade Pedreira Prado Lopes (PPL) MG, situada na cidade de Belo Horizonte – MG, a partir do Projeto "Amar os Irmãos", desenvolvido em parceria com a Igreja da Salvação. Para tanto, buscamos por meio da técnica de Observação Participante, já que representa uma estratégia de pesquisa que apresenta aportes metodológicos sensíveis aos significados e valores constituídos nas experiências dos territórios observados, no intuito de compreender as práticas religiosas em articulação com a dimensão do lazer. Para a construção das informações parciais descritas no corpo deste estudo, a entrevista semiestruturada, se evidenciou como a técnica escolhida para compor os conteúdos analisados, como também documentar o não documentado. Os resultados analisados até o momento apontam que existe uma grande carência de atividades de lazer proporcionadas pela prefeitura de Belo Horizonte para a região da PPL. Concluímos que, não existe uma articulação entre o grupo pesquisado e o poder público, devido ao distanciamento entre essas duas esferas sociais. Diante dessa configuração, as ações de lazer vivenciadas pelo grupo estudado se mostraram vinculadas à igreja ou à própria comunidade.

Palavras Chave: Lazer; Pedreira Prado Lopes; Periferia; Religiosidade.

Abstract

The main objective was to analyze how the process of articulation between leisure and religion occurs in the community Pedreira Prado Lopes (PPL) MG, located in the city of Belo Horizonte - MG, from the Project "Amar os Irmãos", developed in partnership with the Church of Salvation. For this, we used the technique of Participant Observation, as it represents a research strategy that presents methodological contributions sensitive to the meanings and values constituted in the experiences of the observed territories, in order to understand the religious practices in conjunction with the dimension of leisure. For the construction of the partial information described in the body of this study, a semi-structured interview became evident as the technique chosen to compose the analyzed contents, as well as to document the undocumented. The results analyzed so far indicate that there is a great lack of leisure activities provided by the city of Belo Horizonte for the region of PPL. We conclude that there is no articulation between the researched group and the government, due to the distance between these two social spheres. Given this configuration, the leisure activities experienced by the group studied were linked to the church or the community itself.

Keywords: Leisure; Pedreira Prado Lopes; Periphery; Religiosity.

INTRODUÇÃO

De acordo com o dicionário Aurélio Buarque de Holanda, a palavra "periferia" diz respeito a tudo que se encontra nas margens, nos arredores de um dado centro. Nas cidades, esse termo se

[1] Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: walessongomes@gmail.com

[2] Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: walterudebh@hotmail.com

[3] Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: ana@crions.com.br

[4] Professora do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: karina.anagomes@gmail.com

relaciona com a palavra subúrbio que em latim significa subcidade. Com efeito, pode-se dizer que um suburbano não seria somente um morador da "periferia", mas um "sub-cidadão", o que coloca em xeque a própria noção de cidadania. Do ponto de vista geográfico, o termo é usado para designar toda a área que se encontra ao redor do centro urbano. Dessa forma, a "periferia" pode ser intra-municipal (bairros afastados do centro do município) ou extra-municipal (municípios da região metropolitana). A despeito disso, os conjuntos residências e os condomínios das elites que se situam em áreas distantes dos centros urbanos não são classificados como periferia. Assim, pode-se dizer que o termo periferia não é um conceito geográfico, como descrito pelo dicionário, mas um conceito político.

Na contramão do que vem sendo considerado como periferia, em grande parte descrita e entendida apenas como ambiente marginalizado e geograficamente demarcado, o enfoque no conceito de periferia como um espaço vivo, fértil e inventivo é suleador desta pesquisa. Nessa direção, lançamos mão da compreensão de periferia como um território no qual existe uma conexão entre práticas religiosas e atividades de lazer. Nesse aspecto, não se compartilha de estigmas que criminalizam e subjugam as populações periferizadas pelo processo de segregação produzido pelo contexto histórico-cultural do nosso país, marcado pelo colonialismo, o patriarcalismo, e o sistema capitalista, os quais constituem pilares produtores de desigualdade social na nossa sociedade.

No âmbito dos estudos que tratam da religiosidade no contexto da periferia, na sua maioria são considerados apenas aspectos que abordam as crenças e as visões de mundo dos seus praticantes. Ainda que alguns estudiosos se dediquem a analisar os mecanismos de sociabilidade vivenciados por determinados grupos religiosos, o lazer não é contemplado nesses estudos como uma das dimensões que integra o mundo sagrado.

Paralelamente, pesquisas sobre lazer se concentram, sobremaneira, no âmbito do lúdico, do tempo disponível, da folga, da recreação e do entretenimento. Entre outros autores, Dumazedier (1973) destaca que o lazer se objetiva quando o indivíduo se entrega, pela livre vontade, ao repouso e à diversão. Contudo, Gomes (2004) argumenta que o lazer não é algo alcançado somente por meio do tempo livre, mas também através de práticas culturais de determinado tempo/espaço. Continuadamente lado a lado com o trabalho produtivo, o lazer é influenciado por outras dimensões da vida social. Na verdade, existe uma relação dialógica entre o lazer e o trabalho, numa intrincada trama de complementaridade e contradição entre essas duas produções humanas que se tensionam, constantemente, como dimensões expressivas distintas, mas inseparáveis, embora no mundo ocidental se imponha uma hierarquia que associa o trabalho à disciplina, à ordem e à superioridade; e o lazer como desordeiro, inferior, e improdutivo, dentre outras representações dicotômicas (SOUZA, 2001).

Diante disso, a partir de três categorias distintas: religiosidade, lazer e periferia, este trabalho, busca analisar como ocorre o processo de articulação entre lazer e religião na Pedreira Prado Lopes (PPL), em Minas Gerais, a partir do "Projeto Amor ao Próximo" desenvolvido em parceria com a Igreja da Salvação. A pesquisa buscou analisar o entrelaçamento das categorias - religiosidade (cristã protestante), lazer (tratado como um elemento integrante da sociedade) e periferia (um elemento que engloba o campo de significação e percepção dos sujeitos, num determinado território).

A análise aqui desenvolvida partiu do pressuposto de que o lazer não se esgota na concepção de práticas ligadas à visão de mundo burguesa e da classe média urbana (clubes, cinema, teatro, museu, passeios turísticos). Pelo contrário, o lazer abarca toda a experiência do churrasco na laje entre familiares e amigos em bairros periféricos; a conversa rodeada de bebidas e sinucas nos bares da cidade; as conversas despretensiosas das esquinas, enfim, todo modo de ser, de agir e fazer que se articule com a diversão, com a fantasia, com o ato de recriar e de se entreter, no espaço em que vivem. Simultaneamente, partiu-se da compreensão de que a dimensão religiosa atravessa e permeia também as experiências de lazer. Como exemplo, temos os jogos de futebol, (tanto no âmbito profissional, como no amador), onde observamos que, boa parte dos atletas, realiza a oração do Pai Nosso, vinculando o sucesso no jogo e sua conquista no campeonato ao alcance de uma benção divina.

Conforme menciona Baerveldt (1996), "*These forms of belief are not institutionalised and aimed at the individual, subjective experience"*. Chris Baerveldt, diz que as crenças não são institucionalizadas, mas que são construídas a partir da subjetividade do sujeito.

Assim, vale destacar que a existência das religiões só existe porque as pessoas se "filiam" a elas. Sendo as periferias, lugares de muitas carências, a igreja se torna um lugar de possível "conforto" para enfrentar o sofrimento de quem não possui bens capitais.

Conceber a "periferia" como um local de cultura, experiência e conhecimento – objetivo deste trabalho – não foi tarefa fácil. Cabe ressaltar que as informações aqui apresentadas fazem parte de uma pesquisa que ainda está em construção. Portanto, trata-se de resultados parciais de um estudo que atingiu quatorze meses de pesquisa, o qual será publicado junto ao Programa Institucional de Iniciação Científica - PAPq da Universidade do Estado de Minas Gerais como resultado final de dois anos desta investigação em dezembro de 2023.

O texto ora apresentado organiza-se, dividido em seções: Introdução que tem por meta evidenciar e contextualizar o tema. Em seguida, discorrer sobre os pontos que o compõem buscando aproximações com uma episteme decolonial a fim de apresentar os resultados e considerações.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Conforme alerta Walter Ude, "Nenhuma teoria é suficiente para compreender toda a complexidade da realidade estudada" (UDE, 2005, p. 5). Deste modo, sabendo dos limites e das potencialidades de um processo de pesquisa, adotou-se um desenho para desenvolver esta proposta, no qual foi realizado revisão bibliográfica em 3 (três) áreas distintas: (1) o campo do lazer; (2) políticas públicas que têm por foco o lazer; e (3) as formas pelas quais esses jovens se apropriam do lazer.

Nesse processo, investigamos produções acadêmicas que tratavam, especificamente, das temáticas relacionadas ao objeto da pesquisa, considerando, conforme destacam Alves-Mazzoti e Gewandsznadjder (2001), que:

> [a] produção do conhecimento não é um empreendimento isolado. É uma construção coletiva da comunidade científica, um processo continuado de busca, no qual cada nova investigação se insere, complementando ou contestando contribuições anteriormente dadas ao estudo do tema. A formulação de um problema de pesquisa relevante exige, portanto, que o pesquisador se situe nesse processo (ALVES-MAZZOTI; GEWANDSZNAJDER, 2001, p. 180).

A fim de compreender tanto as experiências dos atletas quanto os universos simbólicos que estruturavam o trabalho da referida instituição religiosa, recorremos ao uso da Observação Participante. Técnica de pesquisa, que conforme Willis (1991), é sensível a significados e valores, assim como é capaz de representar e interpretar as articulações, as práticas e formas simbólicas da produção cultural, porque o pesquisador passa, por um período relativamente considerável, a conviver com o grupo pesquisado.

Nesse percurso metodológico, os grupos estudados foram acompanhados em tempos distintos, com o objetivo de reunir, em um diário de campo, uma gama significativa de informações sobre os sujeitos e suas ações.

A entrevista semiestruturada foi usada como técnica de coleta de dados, de uma maneira complementar à observação, conforme destacou Haguette (1987). O que buscamos registrar e analisar, nas entrevistas, foram os significados sociais e as subjetividades produzidas quanto ao projeto "Amará os irmãos", e suas práticas religiosas. A fim de que os interlocutores ficassem à vontade para responder às questões, as entrevistas foram realizadas em local escolhido por eles. Para isso, foi usado um gravador que permitiu que a conversa transcorresse da forma menos artificial possível.

Um dos problemas suscitados pela investigação qualitativa é seu caráter reflexivo, não desprezando a percepção dos registros empíricos, levantados pelos pesquisadores durante a pesquisa de campo, os quais não podiam ser considerados apenas como reflexos da observação-sensorial, como se

observa nas propostas de caráter positivista. Ou seja, não se trata de produto circunscrito à ideia de uma observação direta, objetiva e neutra, mas de uma construção atravessada por um processo dialógico entre pesquisadores e pesquisados. Eles eram, sobretudo, resultados da implicação de certos conceitos e categorias acerca do tema de pesquisa. Como destaca Silva (2018) "[...]a observação-sensorial é permeada por categorias teóricas, as explicações acerca de um mesmo objeto podem ser múltiplas e, em alguns casos, até divergentes" (SILVA, 2018). Daí a necessidade de se explicitar conceitos e categorias de análises.

Em ambos os casos descritos anteriormente, o que está em questão não é apenas o fato de não existir uma pesquisa totalmente neutra e objetiva, mas o caráter ético que envolve todo trabalho que visa elevar o nível de compreensão sobre práticas humanas. Assim, todos os sujeitos envolvidos foram previamente informados sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa, antes da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e a mesma foi registrada no CEP sob o nº CAAE: 60330122.6.0000.5112.

PERIFERIA: UM CONCEITO POLÍTICO

De maneira abrangente, a periferia representa um produto histórico desde os tempos da colonização que, principalmente após a decretação da abolição da escravatura no Brasil e a instalação da República, lançou os trabalhadores livres, negros e pardos, apenas com seus corpos sem qualquer indenização pelos seus serviços explorados durante o cativeiro, para as partes mais distantes do centro da cidade, ocupado pela elite e classe média branca, jogando-os nos morros e nas quebradas de encostas, numa condição de extrema precariedade (GOMES, 2022). Os pesquisadores Macedo; Ornellas e Bomfim (2020) acrescentam que "As favelas/periferias são aglomerados de comunidades e pessoas, que convivem em territórios com falta de abastecimento de água para higienização e em muitos casos com a falta de acesso a produtos básicos de higiene" (MACEDO; ORNELLAS; BOMFIM, 2020). Esse processo está relacionado à dinâmica das cidades, introduzidas pelo mundo ocidental colonial, as quais crescem e não agregam todos os moradores de forma semelhante, já que sua expansão causa a expulsão dos mais pobres do centro e os segrega em regiões pouco desenvolvidas. Essas classes recebem um status em virtude dos lugares que frequentam, dos produtos que consomem ou ainda a maneira como se comportam. Assim, categorias como: consumo, moradia, educação, emprego, transporte, família, discriminação e lazer ajudam a compreender parte do que ocorre nas regiões consideradas periféricas.

Toda essa estruturação seletiva e biopolítica que segrega determinados corpos e sujeitos em espaços geográficos que representam instâncias geradoras de subalternidade se constituiu através da colonialidade do poder que, historicamente, marcou a consolidação da modernidade. Em sintonia com Stroparo (2023) compreendemos por colonialidade "[...] um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista", que se alicerça na classificação étnico-racial da população mundial, que operou no passado e perdura em nosso presente em todos os planos da existência social. (QUIJANO, 2014, 2005; MIGNOLO, 2017; 2001 *apud* STROPARO, 2023).

A carência de recursos financeiros também se reflete na moradia. Estas são modestas e geralmente estão estabelecidas em precárias condições, revelando a colonialidade mantida pelo racismo estrutural. Muitas vezes há falta de água, luz, esgoto, asfalto e coleta de lixo. Quando localizados em conjuntos habitacionais tratam-se de casas de segunda linha. Sua dimensão é pequena, não agrega os moradores confortavelmente. É muito comum, que jovens, assim como seus pais o fizeram, deixem de frequentar a escola para trabalhar e aumentar a renda da família. Essa condição se torna um fenômeno familiar transgeracional que atravessa distintas gerações, constituindo um ciclo vicioso que torna a mobilidade social um projeto inalcançável para esses grupos, reforçando estereótipos que naturalizam e ocultam uma trajetória histórico-cultural marcada pela desigualdade social.

As relações familiares também acabam por refletir esse quadro de carências. Segundo. Albuquerque (1993), as famílias pobres tendem a ser mais numerosas, muitas mulheres se tornam mães precocemente e não há campanhas de esclarecimento acerca dos seus direitos reprodutivos e das políticas de saúde. O autor continua defendendo que a renda na maioria dos casos depende dos ganhos do chefe da família, os quais são geralmente jovens e se declaram de cor negra ou parda, conforme a história colonial do nosso país. No entanto, a maior proporção das famílias pobres é chefiada por mulheres, caracterizadas pelo grande número de mães solteiras e maridos que abandonaram o lar, impedidos de exercer a paternidade devido ao trabalho precário, a baixa escolaridade, e a baixa qualificação profissional, decorrentes desse processo de segregação social. Há ainda a questão do preconceito e da discriminação contra esses grupos, associada a aspectos interseccionais que se configuram em elementos étnicorraciais, classe, gênero, identidades sociais, e sexualidades, próprios desse das subjetividades dessas localidades. Os moradores das periferias são marginalizados e constantemente têm suas identidades relacionadas à criminalidade, o que não ocorre com a população de altas rendas. A ideia da existência de grupos superiores, representantes da razão ocidental branca e colonial, ainda povoa o imaginário de opressores e oprimidos numa trama que mantém a estrutura do racismo, da criminalização, e da subalternização de camadas economicamente empobrecidas.

Contudo, pode-se afirmar que a "periferia" não representa um conceito neutro e objetivo que designa bairros situados em lugares distantes das "áreas nobres" dos grandes centros urbanos, mas constitui um conceito carregado de significação política. Aliás, nesse sentido, o termo "bairro nobre", usado pelos meios de comunicação de massa é bastante esclarecedor dessa suposta supremacia de origem eurocêntrica que sustenta as hierarquias sociais. Desse modo, o termo passa a ser concebido como a norma, o polo positivo do processo de urbanização, com o qual se classifica os ditos civilizados, classe média alta e elite; bem como os estigmatizados como primitivos e perigosos, moradores das periferias. Dessa forma, essa expressão pode induzir as pessoas a pensarem que nessas áreas residem somente pessoas "distintas e ilustres". Assim, a diferença semântica traçada entre os "bairros nobres" e a "periferia" não é algo natural, nem visa apenas nomear os espaços urbanos. Como qualquer processo de diferenciação, ela é construída pelo poder.

> A diferença é sempre uma relação: não se pode ser 'diferente' de forma absoluta; é-se diferente relativamente a outra coisa, considerada precisamente como 'não-diferente'. Mas essa 'outra coisa' não é nenhum referente absoluto, que exista fora do processo discursivo de significação: essa 'outra coisa', o 'não-diferente', também só faz sentido, só existe, na 'relação de diferença' que a opõe ao 'diferente'. Na medida em que é uma relação social, o processo de significação que produz a 'diferença' se dá em conexão com relações de poder (SILVA, 2005, p. 78).

O poder hegemônico produz representações acerca das áreas periféricas de forma estigmatizada, visando fornecer elementos culturais que permitam a construção de "posições de grupos e sujeito" nos centros urbanos, de forma classificatória e hierárquica. Trata-se, dessa maneira, de uma luta simbólica sobre a forma de como os sujeitos devem se portar socialmente, assegurando a hegemonia dos grupos dominantes. Segundo McLaren (1997), a hegemonia é obtida quando a cultura dominante é capaz de fabricar sonhos e desejos tanto dos grupos dominantes quanto dos grupos dominados, fornecendo "termos de referência", bem como prescrevendo como os indivíduos devem viver.

> A cultura dominante tenta 'estabelecer' o significado de sinais, símbolos e representações para fornecer uma visão de mundo comum, disfarçando relações de poder e privilégios através dos órgãos de mídia de massa e aparelho estatal como escolas, instituições governamentais e burocracias do Estado. Aos indivíduos são fornecidas 'posições de sujeito', o que os condiciona a reagir a ideias e opiniões de maneira prescrita (MCLAREN, 1997, p. 207).

Pode-se, portanto, afirmar que a identidade local – ao lado de questões como classes, gênero, raça, nacionalidade, região, geração e religiosidade – é um signo, uma marca material que permite aos grupos dominantes e dominados construir "posições de sujeito", preceitos sociais orientadores das condutas éticas, estéticas e políticas dos indivíduos no espaço geográfico, dentro de uma lógica opressiva.

BREVE CARACTERIZAÇÃO DA PEDREIRA PRADO LOPES – BELO HORIZONTE (MG)

De acordo com Guimarães (1992), a PPL é uma das primeiras favelas da região central de Belo Horizonte. Está localizada na região da Lagoinha, regional Noroeste de BH, ao lado da Avenida do Contorno. A ocupação da PPL teve início em 1920 por operários que trabalhavam na construção da nova capital de Minas Gerais. Inicialmente a presença dos trabalhadores era necessária para a construção da cidade que estava sendo formada a partir de um plano modernista.

Nesse aspecto, Guimarães (1992) afirma que a parceria entre trabalhadores e prefeitura representava uma dinâmica característica do processo de ocupação do solo em Belo Horizonte. A necessidade da mão de obra fazia com que o poder público apoiasse e valorizasse a presença e residência de trabalhadores próximos à capital. Contudo, quando a cidade se tornava valorizada a própria prefeitura se encarregava de remover estes trabalhadores de suas moradias.

> É o que se assiste especialmente nos primeiros 30 anos de existência da cidade. À medida que eram expulsos de uma área, parte da população conformava-se em mudar para o lugar destinado pelo poder público, em geral locais mais distantes, sem infraestrutura urbana e equipamentos, e parte rebelava-se indo formar novas favelas em área próxima à que moravam e de onde mais tarde, eram novamente expulsos. (GUIMARÃES, 1992, p. 4)

O crescimento desordenado das moradias colocava em risco o projeto de modernização e o planejamento urbano feito pelo poder público de Belo Horizonte. Nesse contexto, Guimarães ressalta a crescente preocupação dos governantes em relação à periferia que crescia nos arredores da projetada nobre capital, a qual se inspirou no modelo europeu instituído como referência civilizatória.

As moradias ocupadas por trabalhadores eram vistas como locais perigosos, de possíveis focos de epidemias e de criminalidade, um ambiente onde proliferava a "marginalidade". Portanto, a solução encontrada era remover as pessoas que residiam nesses locais e remanejá-las para áreas mais distantes. Ao iniciar o processo de remoção dos trabalhadores da periferia a prefeitura encontrou obstáculos, "Tal é o caso, por exemplo, da Pedreira Prado Lopes, a mais antiga de Belo Horizonte, do Pindura Saia, do Acaba Mundo, dos Marmiteiros, que sofreram diversas remoções e que existem até hoje". (Guimarães, 1992, p. 4).

A atual população residente na PPL tem sua origem imbricada à resistência de trabalhadores que se recusaram a desocupar as suas residências. O ato de resistência contra as ações da prefeitura gerou consequências que afetam a população até os dias atuais, como por exemplo, a falta de investimento público em esporte, lazer e educação.

O termo periferia é carregado de preconceitos e de fobias. As imagens que esse significante evoca são, geralmente, estereotipadas, usadas ora para designar áreas degradadas, distantes dos centros

urbanos, ora para representar locais marcados pelas construções inacabadas, construídas, não raro, em áreas de risco. A "periferia" é identificada ainda como territórios dominados pelo narcotráfico e por milícias, com elevadas taxas de homicídios, analfabetismo, prostituição e uso exagerado de drogas. Contudo, as periferias são muito mais do que se pode definir em palavras prescritivas que reduziram sua complexidade e riqueza por meio de termos degradantes.

Quando a "periferia" se materializa nas favelas, vilas e aglomerados que emergem e se expandem em áreas próximas dos centros urbanos, ela passa a ser vista como algo que precisa ser removida, pois compromete a suposta harmonia e a beleza estética das cidades. Para os grupos dominantes, não é conveniente a presença de elementos próprios do polo negativo da urbanização – falta de segurança pública, exploração sexual de crianças, analfabetismo, fome – nos chamados "bairros nobres", parte urbana representada pelo poder como sinônimo de progresso e de modernização. Esses problemas não incomodam "enquanto estão em seu justo lugar": as áreas periféricas dos centros urbanos. A "ordem" começa a ser quebrada quando esses elementos indesejáveis se aproximam dos ditos bairros elegantes e luxuosos dos centros urbanos ou, de alguma maneira, atingem pessoas socialmente abastadas. Assim, pode-se afirmar que o conceito de "periferia" está intimamente relacionado à tentativa de ordenar o espaço geográfico, fixando as posições de sujeito nos territórios urbanos dos grandes centros brasileiros. No entanto, contraditoriamente, são as periferias que fornecem mão de obra para os serviços domésticos, a limpeza urbana, a construção civil, e outras atividades concebidas como inferiores e subalternizadas, para a manutenção e expansão dos centros da cidade.

Diante disso, cabe-nos perguntar: em que medida as representações da "periferia" afetam a formação dos sujeitos que aí residem? Que significa, para eles, lidar com imagens e símbolos que associam "periferia" a atraso e violência? De que maneira, as escolas que estão situadas nessas áreas são influenciadas por essas imagens e símbolos? Será que o imaginário da periferia tem causado nos professores algum tipo de fobia? Em que medida a concepção hegemônica de periferia interfere nas políticas públicas referentes à questão do lazer? Em que medida os preconceitos em relação às pessoas que residem na periferia fomenta a expansão das igrejas pentecostais e neopentecostais nesses espaços? Em que medida os espaços religiosos asseguram o lazer nas áreas periféricas?

BREVE HISTÓRICO DA VERTENTE RELIGIOSA BATISTA

Os estudos sobre religiosidades populares incidem, de modo geral, sobre aspectos relacionados às crenças, às visões de mundo, de práticas sagradas (ritos, mitos e símbolos) de certos grupos humanos. Dentre outras matrizes religiosas, o cristianismo, em suas diversas facetas, representa uma manifestação

que se tornou uma tradição praticada por grande parte da população brasileira, desde a imposição dos colonizadores europeus. Uma dessas expressões é o protestantismo, que também possui diversas vertentes. Aqui, nos interessa especificamente o segmento da Igreja Batista. De acordo com Dos Santos (2020) os princípios batistas são baseados a partir da exegese de textos da Bíblia, que é considerada pelos cristãos um livro sagrado escrito a partir de revelações do próprio Deus.

> O cenário do cristianismo brasileiro, no século XXI é complexo e, apesar da grande maioria da população brasileira se identificar com algum dos inúmeros seguimentos cristãos, isso não significa que há um consenso de ideias ou de ideologias doutrinárias. Nesse caso, as denominações de maior disseminação na população são as mais atingidas pela pluralidade de pensamento e, assim, os Batistas, como um grupo de destaque no país, é, sem dúvidas, incluso. (SANTOS, 2020, p. 158)

O movimento crescente da denominação Batista no Brasil recebe uma substancial influência de outros segmentos religiosos, principalmente os de base protestante, como é o caso do Movimento Pentecostal, que tem modificado a liturgia e as expressões da fé da corrente batista brasileira (SANTOS, 2020, p. 59). Trata-se de um fenômeno ontológico da comunicação humana, já que as subjetividades ressignificam seus símbolos a partir dos seus territórios marcados por processos histórico-culturais. Ou seja, como ressalta Rey (2003), o sujeito não é um produto linear da linguagem.

Pentecostes, palavra grega cujo significado é cinquenta, é uma festa judaica, que ocorre no quinquagésimo dia após a Páscoa, como comemoração da colheita da cevada. Para o Cristianismo, todavia, pentecostes tem outro significado. Trata-se, pois, de um evento, descrito no livro dos Atos dos Apóstolos, em que os primeiros cristãos, embora fossem monoglotas, anunciaram para pessoas de diferentes nações as grandezas de Deus, sem a necessidade de nenhum tradutor.

Como movimento religioso, o pentecostalismo é, no entanto, um fenômeno que data de tempos recentes; originou-se no início do século XX, nos EUA. Suas bases teológicas surgiram no final do século XIX, quando um movimento religioso, denominado Reavivamento Espiritual, influenciado pelas ideias de Jonh Wesley, fundador da Igreja Metodista, começou a se difundir nos meios protestantes históricos estadunidenses (ROLIM, 1987, p. 22).

Durante os cultos de avivamentos, eram comuns os cânticos animados e as orações coletivas em voz alta. No Sul dos Estados Unidos, onde a maioria da população é negra, esse movimento de reavivamento espiritual proliferou rapidamente. Os seus integrantes buscavam a manifestação do Espírito Santo em suas vidas, tal como no dia do Pentecostes, descrito no livro Atos dos Apóstolos. De acordo com esse movimento, o sinal de que o Espírito Santo estava se manifestando no meio do grupo era a capacidade de algum fiel falar em línguas estranhas: pronúncias de sons desconhecidos, compreendidos apenas quando houvesse no grupo um intérprete.

O surgimento do pentecostalismo ocorreu no dia 31 de dezembro de 1906, numa Igreja Metodista, em Los Angeles, localizada em um salão alugado na Azusa Street, n°312. Nesse local, um número expressivo de mulheres e homens negros falou em línguas estranhas, causando estranhamento e perplexidade no protestantismo histórico. Para uns, o ato de pronunciar palavras desconhecidas durante os cultos foi interpretado de forma pejorativa, como uma tentativa de africanização do cristianismo. Para outros, a glossolalia, estimulada por esses religiosos, não possuía nenhuma relação com o Dia de Pentecostes, descrito na Bíblia. Em primeiro lugar, porque não se encontravam na Igreja da Azusa Street pessoas de diferentes nacionalidades. Em segundo lugar, porque os sons pronunciados por esses fiéis, chamados de línguas estranhas, não foram compreendidos por ninguém. Na Festa de Pentecostes, descrita no novo testamento bíblico, os primeiros cristãos de origem judaica pregaram, pela primeira vez, para pessoas de várias nações que se encontravam em Jerusalém, em seus respectivos idiomas; o que gerou espanto e surpresa entre as pessoas que participaram daquele evento.

Em seus primeiros anos, o pentecostalismo teve, dessa maneira, uma forte relação com a questão étnico-racial e de gênero. O fato de o chamado batismo com Espírito Santo ter ocorrido entre grupos marginalizados, em nível histórico-social, serviu para dignificar pessoas, vítimas do preconceito de classe, de gênero e de raça. Os brancos que buscavam os dons espirituais prometidos pelo movimento pentecostal foram ordenados pelos negros. Como descreve Freston, em poucos anos os brancos se descolaram, no entanto, dos afro-estadunidenses, fundando suas próprias igrejas. Essa breve descrição demonstra que as práticas religiosas não estão imunes às narrativas das ideologias racistas.

No Brasil a primeira igreja pentecostal foi fundada em 1910, por Louis Francescon, um italiano que participou de reuniões religiosas lideradas por Seymour, que aportou no Brasil, especificamente em São Paulo, fundando a Igreja Congregação Cristã do Brasil. Conforme Dos Santos (2020), essa vertente exerceu grande influência sobre as Igrejas Batistas, que possuem como uma das práticas a evangelização, as missões, sejam elas Missões Locais, Missões Estaduais, Missões Nacionais e Mundiais. Ainda segundo Dos Santos (2020), a Igreja Batista possui diversos trabalhos sociais, e muitos outros projetos de evangelização que se materializam por meio de ações sociais.

A presença de igrejas batistas e pentecostais é notável em áreas periféricas. Os estudos sobre esses movimentos debatem seu caráter fundamentalista, a ênfase na teologia da prosperidade, na batalha espiritual, na prática de exorcismo. No entanto, pouco se discute sobre suas atividades lúdicas com os jovens: o teatro, a dança e a música. Este estudo busca, ainda que de maneira parcial, destacar esses aspectos, tendo como referência o entrelaçamento da periferia com o lazer, nos seus distintos modos de ser, já que representa uma questão negligenciada pelas políticas públicas.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO LAZER

O lazer representa um direito de todo cidadão, porém esse direito é constantemente burlado nos bairros constituídos por pessoas de baixa renda econômica. A comunidade lança mão de várias estratégias para conquistar possibilidades para alcançar seus valores de cidadãos, porém se veem diante do aumento da violência que atinge diretamente suas juventudes, dentre outras circunstâncias opressivas, e sentem-se esquecidas pelo descaso dos órgãos responsáveis pelo acesso aos direitos sociais. Contudo, o lazer, frente a esses percalços, pode se tornar um veículo de grande força no caminho contra a violência e para a formação do indivíduo como cidadão da sociedade, embora outros elementos da cidadania necessitem ser conquistados como a escolarização, o trabalho, a vida familiar, a moradia, e o acesso à saúde.

Na definição de Gomes (2004) o lazer representa,

> [...] uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo (GOMES, 2004, p. 125).

Segundo Campos *et al* (2021), o lazer representa um campo que possibilita a vivência de experiências culturais individuais ou coletivas, experiências essas capazes de produzir no sujeito valores necessários a uma vida cotidiana dotada de regras e posturas necessárias a uma vivência comunitária.

> [...] o lazer representa uma prática social atravessada por processos que configuram a subjetividade humana, na qual os sentidos e os significados se entrelaçam de forma contraditória e complementar. Sendo assim, a pesquisa desses elementos nas práticas culturais e sociais, aqui proposta, pretende dar visibilidade a esses intercâmbios no contexto prisional. Isso posto, apresentamos, no próximo item as práticas de lazer na unidade prisional pesquisada e seu potencial pedagógico num contexto periférico, dentro da perspectiva formativa a que essa obra se propõe (CAMPOS *et al*., 2021, p. 123).

A escassez de políticas públicas voltadas para o lazer representa um dos grandes problemas encontrados na periferia, embora as comunidades criem seus coletivos de práticas culturais, como o futebol, o samba, o baile funk, o rap, e outras manifestações, principalmente de matriz afro-brasileira, já que a maioria da população é afrodescendente. Nos bairros de baixa renda, os jovens reclamam da falta de praças esportivas, outras opções de lazer como vôlei, academia popular. Conforme Barros (2017) atividades na rua, como por exemplo, o vôlei seria uma alternativa, se não fossem os carros que constantemente passam nas ruas, colocando em risco a vida dos sujeitos e impedindo a prática de jogos

e esportes. Na verdade, a necessidade de construir espaços destinados às práticas de lazer constitui uma demanda emergente nesses territórios.

É importante ressaltar que as praças, os parques e os espaços públicos de lazer mais belos e cuidados estão nos bairros intitulados como os mais nobres da cidade, embora estes espaços quase nunca são utilizados pela classe média, que tem como uso para lazer shoppings, bares, boates, de tal maneira que os frequentadores desses espaços públicos são empregadas domésticas, babás e porteiros que trabalham em residências nestes locais. Enquanto isso, os raros espaços e equipamentos destinados ao lazer nos bairros de baixa renda econômica se encontram em péssimo estado de conservação (BARROS, 2017).

Na tentativa de adentrar nas questões levantadas no parágrafo acima, no tópico a seguir abordamos a articulação entre o lazer e a população da PPL, por meio do projeto "Amar aos irmãos", vinculado à Igreja da Salvação. É importante ressaltar que esta delimitação do tema não tem o objetivo de analisar lazer e religião de forma abrangente, mas sim analisar como ocorre o processo de articulação entre lazer e religião na Pedreira Prado Lopes (PPL) MG, nesse território específico na interseção com um grupo religioso. Para isso, elegemos as técnicas de observação participante (WILLIS, 1991), e entrevistas semiestruturadas (HAGUETE, 1998) como estratégias metodológicas na produção de informações acerca da temática proposta por esta pesquisa.

PROJETO "AMAR OS IRMÃOS"

Para tratar do projeto, do líder religioso e de sua Igreja, serão utilizados nomes fictícios a todos participantes desta pesquisa. O Projeto Amar os Irmãos é liderado por Pedro, membro da Igreja da Salvação. O projeto teve início no ano de 2018 e conta com diversas ações voltadas para crianças, adolescentes e jovens. Atualmente três ações têm se destacado dentro do projeto: o futebol para os meninos; o sábado da beleza para as meninas; e a luta.

Segundo Pedro, o objetivo principal do projeto é criar ações que andem na contramão da criminalidade, uma vez que o índice de homicídio na PPL já foi um dos mais altos de Minas Gerais. Em uma entrevista realizada no mês de agosto de 2022, o líder do projeto "Amar os Irmãos" informou que:

> O nosso público-alvo é a comunidade, nós como igreja temos a intenção de servir a comunidade com tudo aquilo que uma igreja pode fornecer… Através da ação social a comunidade pode ser beneficiada. Não temos aqui a questão de a pessoa frequentar ou não a igreja. A intenção é que os meninos se tornem cidadãos.

A preocupação com a cidadania da juventude local esbarra no problema da falta de diálogo entre a prefeitura e a comunidade. Segundo Pedro, em época de campanha eleitoral sempre aparece um

candidato para visitar o projeto e depois abandona os moradores, já que a finalidade desses indivíduos é, notadamente, apenas eleitoreira.

Durante as visitas feitas ao projeto foi possível observar que o lazer dos participantes do grupo é garantido em sua maioria pela igreja. Por exemplo, a maioria deles afirma não frequentar o cinema ou o teatro, se limitam a opções oferecidas no próprio bairro com baixo ou nenhum custo, como a rua de lazer ou jogos de futebol em locais impróprios ou locais improvisados disponibilizados pela igreja. Foi possível constatar que a região é carente de espaços culturais, como exposições, oficinas de teatro, arte e eventos esportivos, como quadras e campos.

Os relatos do líder do projeto indicaram que a falta de estrutura leva muitos jovens a construírem uma ideia de que não há o vislumbre de uma cidadania possível, ou um futuro promissor para os seus sonhos, e alguns caiem num conformismo de que esse é o seu destino natural. As reflexões levantadas por Fanon (1968) apontam que o racismo estrutural produz esse tipo de configuração hierárquica e brutal, na qual pessoas negras e pardas, dentre outros povos estigmatizados, são condenados à subalternidade, à segregação, e ao genocídio, por serem classificados pela elite eurocêntrica como primitivos, inferiores, e perigosos, sendo merecedores do escárnio social. É comum que muitos se revoltam e são jogados na criminalidade, na ilusão de melhorar as suas condições de vida, mas acabam reafirmando a prescrição criminalizante de uma necropolítica que os desterra. Outros, diante da baixa escolaridade, empregos mal remunerados e baixas perspectivas de melhora, se veem diante de um conflito social e pessoal, e se refugiam na busca por substâncias psicoativas, sendo aprisionados por uma camisa de força que mantém um quadro de permanência na precariedade.

Diante disso, a igreja se apresenta como uma oportunidade intermediadora que busca, por meio de atividades prazerosas, mudar a perspectiva de vida dos sujeitos da PPL, mesmo que em momentos limitados, já que a conquista de uma cidadania assistida depende de inúmeros recursos e equipamentos sociais. Além da figura do líder Pedro, o projeto “Amar os Irmãos” conta com a participação de voluntários que auxiliam nas oficinas, na alimentação, e no diálogo com o público.

O futebol e a luta oferecidos pelo projeto contam com dois voluntários que são educadores físicos e se comprometem com todo o plano de ações a ser desenvolvido dentro das modalidades. Já o sábado da beleza conta com uma voluntária que se dedica aos cuidados das meninas e concomitantemente da pregação da palavra bíblica. Não podemos esquecer que essas ações podem cair em práticas de cunho salvacionista, considerando a história religiosa das missões que aqui se instalaram como proposta de curar “criaturas sem alma”, como foi o caso dos jesuítas e outras seitas introduzidas pelos colonizadores europeus (GOMES, 2022). Por outro lado, atualmente observamos a ascensão do fundamentalismo religioso contemporâneo neoconservador que ataca manifestações religiosas de matriz

afrodescendente e dos povos originais com argumentos de retomada dos valores bíblicos, por meio da brutalidade e da intolerância religiosa.

Um aspecto importante a ser mencionado é a idade do público-alvo deste projeto. Embora o projeto seja aberto a todo o público de crianças, jovens e adolescentes (independente da religião), é comum que por volta dos 15-16 anos muitos deixem as atividades do projeto. De acordo com Pedro, isso ocorre porque a criminalidade os atrai financeiramente, e socialmente. Por isso, é importante que as atividades propostas também sejam cada vez mais atrativas para esse público. Pensando nisso, o projeto organiza eventos como churrasco de aniversário do projeto, jogos fora da PPL, dentre outras atividades, na tentativa de cercar as armadilhas em que estão expostos. A ausência do Estado, e de uma sociedade civil comprometida com a coletividade, produz brechas e lacunas que contribuem para que outros personagens sejam inseridos no sistema, como a milícia e o crime organizado, tornando práticas complementares que alimentam a máquina capitalista.

Na ausência do Estado em vários aspectos que dizem do direito social, percebe-se que várias outras instituições veem buscando ocupar este espaço, como vimos até aqui, com o projeto supramencionado. Porém, muitas destas instituições são religiosas, e chegam trazendo na bagagem um fundamentalismo religioso, conforme destaca Amaro (2022);

> Desde a década de 1980, os fundamentalismos têm experimentado uma significativa expansão no campo religioso e político brasileiro. O que antes era encarado como o mero despropósito de especulações conspiratórias provenientes de grupos não só minoritários como pouco expressivos, sobretudo, no que dizia respeito à capacidade de divulgação de suas perspectivas doutrinárias, agora é percebido como uma eminente ameaça à liberdade religiosa e ao pensamento científico, capaz de provocar rupturas e descontinuidades na harmonia social e destituir o discurso científico-secular de seu lugar privilegiado nas mentalidades de determinados indivíduos e grupos sociais, além de refutar terminantemente a compreensão de pluralismo, que custou a ser estabelecida na esfera pública brasileira (AMARO, 2022).

O fundamentalismo religioso apresenta-se como um "saber" intransigente, que busca garantir suas "verdades" como únicas. Ao fazer isso, age de forma contrária ao pluralismo religioso, movimento que prega o respeito à diversidade e liberdade do pensamento religioso. De acordo com Maldonado (2007), a colonialidade desqualifica os povos não originários do hemisfério norte. Nesta linha de raciocínio, entende-se que toda religião que não seja oriunda do Continente Europeu deve ser desprezada. Isto posto, observa-se na contemporaneidade o crescimento desenfreado de visões reduzidas ao conservadorismo colonial e radical acerca da religião. Nessa esteira de pensamento, Amaro (2022) menciona o seguinte:

> Uma característica marcante, capaz de distinguir o perfil dos fundamentalistas, é o fato deles serem avessos aos valores mais positivos da modernidade, tais como: a democracia, a alteridade, a pluralidade religiosa, a separação entre Igreja e Estado, a liberdade de pensamento e de expressão, a tolerância e o diálogo ecumênico. Dado que, eles se empenham não só em desqualificar os outros discursos religiosos e seculares dispostos na sociedade quanto buscam neutralizá-los, na medida do possível, promovendo, desse modo, sectarismos de distintas naturezas (AMARO, 2022).

Desta maneira, se faz muito importante observar todos os meios que veem sendo adotado por praticantes deste fundamentalismo religioso que busca cooptar pessoas a fim de formar um grande grupo de alienados.

DOS RESULTADOS MOMENTÂNEOS

As análises realizadas até o momento apontam que existe uma grande carência de atividades de lazer proporcionadas pela prefeitura de Belo Horizonte para a região da PPL. Além disso, não existe uma identificação entre o grupo pesquisado e o poder público. As ações de lazer vivenciadas pelo grupo pesquisado estão vinculadas à igreja ou à própria comunidade que organiza bailes e rodas de pagode. Por outro lado, embora a prefeitura represente uma instância governamental que tem como finalidade atender as demandas dos cidadãos, não constitui uma esfera que dê conta das contradições sociais marcadas por uma sociedade estruturada em práticas colonialistas, patriarcais e capitalistas. Esses pilares não podem ficar invisíveis de um processo de análise que tem como foco territórios vulnerabilizados pela desigualdade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento até aqui, da pesquisa apresentada, buscou atender ao crescente interesse contemporâneo pelas questões que perpassam pela juventude periférica, mas que ainda não impactam os estudos do lazer como um todo, já que continuam em menor relevância neste campo do conhecimento.

Os meses de acompanhamento das atividades permitiu verificar a ausência do poder público. Contudo, evidenciando o conceito de política pública de Thomas Dye (1975), que diz que política pública é "*what the government chooses to do or not do*" (DYE, 1975). Neste estudo, claramente mostrando que a ausência do governo abriu possibilidades para que outras instituições legislem, executem e um poder junto ao povo, um poder que deveria ser estatal.

Esse exercício de poder "privado", nem sempre permite o diálogo, e muitas vezes impõem seus valores e ideologia, sendo esse exercício temerário quando se trata de pessoas que se encontram nas mais diversas situações de vulnerabilidade social.

Por fim, frente às constatações até aqui detalhadas, nota-se a necessidade de manter o estudo iniciado com esta pesquisa, e talvez, até ampliá-lo para outras regionais de Belo Horizonte a fim de verificar se as igrejas estão, também, atuantes em outras periferias.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas Ciências Naturais e Sociais**: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. São Paulo: Editora Pioneira, 2001.

AMARO, F. R. "O avanço dos fundamentalismos e a ameaça à liberdade religiosa: uma discussão de caráter urgente e imprescindível". **ATeo**, vol. 26, n. 70, 2022

BAERVELDT, C. "New Age-religiositeit als individueel constructieproces". *In*: MOERLAND, M. (ed.) **De kool en de geit in de Nieuwe Tijd**: Wetenschappelijke reflecties op New Age. Utrecht: Jan van Arkel, 1996.

BAERVELDT, C.; VÖLKER, B. "Van Rossem, R. Revisiting selection and influence: An inquiry into the friendship networks of high school students and their association with delinquency". **Canadian Journal of Criminology and Criminal Justice**, vol. 50, n. 5, 2008.

BARROS, I. "O lazer na periferia". **Revista Seminário Estudantil de Produção Acadêmica**, vol. 10, n. 1, 2006.

CAMPOS, E. A. *et al*. "Lazer, juventude e violência: Uma análise da literatura vigente". **Revista Movimento**, vol. 27, 2021.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

Dye, T. **Understanding public policy**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1975.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio De Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

GOMES, C. L. (org.). **Dicionário Crítico do lazer**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

GOMES, L. **Escravidão**: da Independência do Brasil à Lei Áurea. Rio de Janeiro: Editora Globo Livros, 2022.

GUIMARÃES, B. M. "Favelas em Belo Horizonte: tendências e desafios". **Análise e Conjuntura**, vol. 7, n. 2, 1992.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes,1998.

MACEDO, Y. M.; ORNELLAS, J. L.; BOMFIM, H. F. "Covid-19 nas favelas e periferias brasileiras". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 4, 2020.

MALDONADO, T. N. “Sobre la colonialidade del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto”. *In*: GOMÉZ, S. C.; GROSFOGUEL, R. (orgs.). **El giro decolonial**: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana; 2007.

MCLAREN, P. **Os Rituais na Escola**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1992.

REY, F. **Sujeito e Subjetividade**. São Paulo: Editora Thomson, 2003.

ROLIM, F. C. **O que é Pentecostalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

SANTOS, P. J.; SANTOS, V. S. “A história da Igreja Batista no Brasil: Liturgia, Preceitos e Doutrinas”. **Revista Tear *Online***, vol. 8, n. 2, 2020.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005.

SILVA, W. G. **Educação Social e Sistema Prisional**: o lazer entrelaçado às práticas religiosas de jovens encarcerados em uma unidade prisional APAC. São Paulo: Editora Escritores da Alma, 2020.

SOUZA, J. **A Modernidade Seletiva**. Uma interpretação do dilema brasileiro. Brasília: Editora UnB, 2001.

STROPARO, T. R. “Território, agroecologia e soberania alimentar: significações e repercussões sob a égide decolonial”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 13, n. 39, 2023.

UDE, W. E. “Pedagogia Social: uma disciplina emergente”. **Presença Pedagógica**, vol. 10, n. 59, 2004.

WILLIS, P. **Aprendendo a ser trabalhador**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1991.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 14 | Nº 41| Boa Vista |2023

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima